

LITERATURA E IMPRENSA – MARIA JUDITE DE CARVALHO NO DIÁRIO DE LISBOA

Cristiane Ivo Leite da Silva⁶

Resumo: Maria Judite de Carvalho tornou-se escritora conhecida devido à sua extensa e criativa produção jornalística e literária. Sempre dedicada a tratar de questões voltadas para as lacunas da existência humana, em especial da mulher do século XX, Maria Judite de Carvalho teve, ao longo de sua trajetória como escritora, uma significativa colaboração em jornais e revistas de Portugal, constituindo um vasto repertório publicado na imprensa de seu tempo. Desta maneira, o presente trabalho objetiva observar como os impactos ocasionados pela modernidade na sociedade portuguesa são representados nas crônicas da referida autora, publicadas, primeiramente, no Diário de Lisboa e, posteriormente, reunidas na coletânea *Este Tempo* (1991).

Palavras-chave: Jornalismo. Crônicas. Modernismo. Transformação. Existência.

Abstract: Maria Judite de Carvalho became known writer due to its extensive creative and journalistic writing. Always dedicated to addressing issues facing the gaps of human existence, especially the woman of the twentieth century, Maria Judite de Carvalho had, throughout his career as a writer, a significant collaboration in newspapers and magazines in Portugal, constituting a vast repertoire published in the press of her time. Thus, this work aims to observe how the impacts caused by modernity in Portuguese society are represented in the chronicles of that author, published first in Lisboa Diary and later gathered in the anthology *This Time* (1991).

Keywords: Journalism. Chronicles. Modernism. Transformation. Existence.

Considerações Preliminares

A abordagem em foco busca apresentar alguns apontamentos sobre o percurso da escritora portuguesa Maria Judite de Carvalho no que tange a sua produção jornalística, bem como, traçar alguns aspectos da modernidade em duas de suas crônicas selecionadas do livro: *Este tempo*, o qual trata-se de uma coletânea de crônicas escolhidas do Jornal *Diário de Lisboa*. Maria Judite de Carvalho nasceu em Lisboa, Portugal, no ano

⁶ Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. Especialista em Psicopedagogia, pelo ICE/Instituto Cuiabano de Educação. Aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso/FAPEMAT. Endereço eletrônico: cris_ivo@hotmail.com.



de 1921 e faleceu em 1998 aos 77 anos de idade. Sua carreira como escritora iniciou-se durante o período de sua estada na Faculdade de Letras de Lisboa, onde se formou em Filologia Germânica. Durante esse período, a autora conheceu o professor Urbano Tavares Rodrigues, com quem se casou em 1949. Após o casamento, o casal mudou-se para a França, viveram, inicialmente, em Montpellier por aproximadamente três anos e, depois em Paris por mais alguns anos.

Em 1950, Maria Judite e Urbano Tavares regressaram à Lisboa para o nascimento da única filha, a qual ficou sob os cuidados dos avós paternos, em Portugal, após o retorno dos pais para a França em 1952, para que Urbano Tavares assumisse o cargo de professor de Cultura Portuguesa na Universidade de Paris.

De volta a Portugal, após retornar da França, Maria Judite trabalhou para a Revista *Eva*, de Lisboa, primeiramente, ocupando a função de secretária e, em seguida, foi promovida redatora e chefe de redação. No ano de 1949, antes de se tornar funcionária da Revista *Eva*, Maria Judite de Carvalho incentivada pelo esposo Urbano Tavares já havia publicado na referida revista o seu primeiro texto, intitulado: *O campo de mimosas*. Enquanto esteve na França, a autora, além de publicação supramencionada, passou também a publicar em 1953 na Revista *Eva* as Crônicas de Paris. A colaboração da escritora na Revista *Eva* estendeu-se até 1975, ano de falência da referida revista.

Com a publicação de *O campo de mimosas*, novela que marcou sua estreia como escritora, Maria Judite deixou registrado nas páginas 14 e 15 da Revista *Eva* seu gosto em tratar de assuntos voltados para os conflitos existenciais do ser humano, especialmente do universo feminino. Ainda na



referida novela, a autora dá vida à sua primeira personagem feminina Olívia, uma mulher que vive mergulhada nas lembranças do passado que tivera ao lado do primeiro esposo, seu único e verdadeiro amor, que morrera em trágico acidente de carro e, que ao se casar novamente vive um casamento infeliz.

Apareceu-me primeiro como uma imagem tibia. Sentia-o, mas os olhos não o podiam atingir completamente: tinha-o só no pensamento. O Raul tinha sido o único homem de quem eu gostara, verdadeiramente, intensamente. Mas a vida a certa altura tinha-nos separado e eu, sem saber como, achara-me casada com o Joaquim (CARVALHO apud FREITAS, 2011, p. 17).

Tanto em *O campo de mimosas* quanto nas demais produções de Maria Judite de Carvalho, a mesma narra os infortúnios, as angústias e a postura resignada das suas personagens e, portanto, o enredo expressa a crítica da escritora que irá se repetir ao longo de suas narrativas (FREITAS, 2011, p. 17).

Em 1959, dez anos após a publicação de sua primeira novela na Revista Eva, Maria Judite publica seu primeiro livro: *Tanta gente, Mariana*. Trata-se de uma coletânea composta por oito narrativas breves que retomam a temática da representação da solidão, da angústia e inquietude da mulher do século XX por personagens femininas que sempre estavam à margem das decisões sociais, culturais e/ou familiares, assim buscam preencher os vazios de suas vidas em uma sociedade regida pela hegemonia masculina.

A obra *Tanta gente, Mariana* foi fundamental na consolidação da carreira de Maria Judite de Carvalho, pois foi com a publicação desse trabalho que a autora passou a ser reconhecida, tanto pelo público leitor



quanto pela crítica literária. E, portanto, coaduno com FREITAS (2011, p. 23), quando salienta que “o comportamento social é o alvo das análises juditianas que ganham, após a publicação do primeiro livro de contos, maior reconhecimento e visibilidade do público leitor que anteriormente só a conhecia através das crônicas da Revista *EVA*”.

Além da obra *Tanta gente, Mariana*, que compõe o vasto acervo de publicações de Maria Judite de Carvalho, temos as coletâneas de contos: *As palavras poupadas* (1961) e *Paisagem sem barcos* (1963), o romance *Os armários vazios* (1966), a novela *Seu amor por Etel* (1967), as antologias de contos *Flores ao telefone* (1968), *Os idólatras* (1969) e *Tempo de mercês* (1973), as coletâneas de crônicas *Já A janela fingida* (1975) e *O homem no arame* (1979), a coletânea de contos *Além do quadro* (1983), a coletânea de crônicas *Este tempo* (1991) e a antologia de contos *Seta despedida* (1995). Além das produções da autora publicadas em vida, temos duas obras póstumas sendo a coletânea de poemas *A Flor que havia na água parada* (1998), e a peça de teatro *Havemos de rir!* (1998).

Após iniciar sua carreira como escritora, Maria Judite de Carvalho, sempre comprometida com a sua carreira de escritora, teve uma fecunda e criativa produção jornalística e literária que resultou na publicação de inúmeros textos na imprensa periódica de Lisboa. A autora teve uma importante participação na imprensa de seu tempo, publicando seus textos em algumas revistas e jornais de Portugal. E, dedicada na produção de narrativas curtas, publicou apenas um romance *Os armários vazios*, no ano de 1966. Cabe ressaltar ainda que muitos dos livros da autora tratam de coletâneas de crônicas e contos que foram selecionados e retirados de



jornais e revistas em que a mesma foi colaboradora, como é o caso do livro *Este tempo*, 1991, obra selecionada para o estudo em pauta.

As implicações da modernidade nas transformações da sociedade portuguesa do século XX

Diferentemente do conto que privilegia a ficção, dá maior valoração à análise psicológica da personagem, além de aprofundar o detalhamento de aspectos como espaço e tempo, a cônica nos parece como uma conversa informal na qual tomamos conhecimento de um fato do cotidiano sob uma perspectiva singular, através de um ângulo ainda não percebido ou analisado em que o escritor se foca, levando o leitor a uma reflexão sobre o comportamento social. “Olívia Rocha Freitas”

Maria Judite de Carvalho, além de contribuir para a Revista *Eva* a partir de 1949 à 1975, foi também redatora dos jornais *Diário de Lisboa* entre os anos 1968 à 1975 e do *O jornal* durante sete anos, que compreende o período entre os anos 1976 à 1983. Dentre as inúmeras atividades desempenhadas pela referida autora, cabe destacar sua regular colaboração no “Suplemento Mulheres” do *Diário de Lisboa*, onde assinava seus textos com o pseudônimo de Emília Bravo. Já para os jornais *República* e *O século*, e para as revistas *O escritório* (1971-1974), *Mulheres* (1978), *Silex* (1980) e *Come e cala* (1981-1982) escrevia eventualmente.

Com o seu contínuo processo de criação, Maria Judite de Carvalho publicou durante os anos de 1949 à 1983 nos referidos jornais e revistas importantes textos que a tornaram conhecida pelo público leitor e uma escritora consagrada pela crítica literária. Entretanto, foi por volta dos anos 1968 à 1975, que Maria Judite deixou registrado em jornais e revistas



portuguesas uma vasta e significativa produção jornalística. Desta maneira, as crônicas publicadas por Maria Judite na imprensa de seu tempo são indispensáveis para o estudo acerca do conjunto da obra juditiana.

Este tempo organizado por Ruth Navas e José Manuel Esteves e publicado em 1991, trata-se da terceira coletânea de crônicas publicada por Maria Judite de Carvalho. As crônicas que compõem este livro foram retiradas das páginas dos jornais *Diário de Lisboa*, publicadas entre os anos de 1968 à 1975, *O Jornal*, publicadas entre 1979 à 1984, *Come e Cala*, publicada em 1981, e das revistas *O escritório*, publicadas entre os anos de 1971 e 1972, *Sillex*, publicada em 1980, *Eva*, publicada em 1973 e *Mulheres*, publicada em 1978.

A coletânea de crônicas *Este tempo* é composta por 138 textos que, segundo Ruth Navas e José Manuel (1991), foram selecionadas à partir do gosto particular dos dois organizadores e que, “não preside a esta organização qualquer critério cronológico na ordem dos textos”. Dispostas em sete grupos, a escolha das crônicas que compõem cada um dos grupos foi realizada, de acordo com os seus organizadores, com base no:

[...] diálogo polifônico, infinitamente intertextual, que os textos estabelecem entre si, possibilitando a ultrapassagem de uma comunicação simples na aparência, posta em relevo pelo teor jornalístico, para se estabelecer um diálogo outro, com a fala colectiva tornada texto. (CARVALHO, 1991, p.10)

Os sete grupos de crônicas, intitulados: Os novos deuses; A cidade e a água; Ouvir e falar; As duas senhoras, os pombos e a fita; Por exemplo Margarida; À espera e O comboio; são constituídos por textos curtos que, geralmente, não ultrapassam uma página e meia, característica dos textos



jornalísticos que por possuírem um pequeno espaço para serem publicados precisam ser concisos e objetivos.

Dentre as 138 crônicas juditianas, verificamos que 86 delas foram retiradas do jornal *Diário de Lisboa*, em que a autora teve uma intensa colaboração, sendo que seis destas foram publicadas no “Suplemento Mulheres”, sob o pseudônimo de Emília Bravo.

O jornal *Diário de Lisboa* teve sua estreia numa quinta-feira, no dia 07 de abril de 1921, sob a direção de Joaquim Manso, e circulou em Portugal até o ano de 1990. De acordo com FREITAS (2011, p.39), desde sua primeira edição o *Diário de Lisboa* “[...] manteve sua credibilidade pautada na informação precisa e atualizada voltada para o leitor exigente, sedento de notícias de Portugal e do mundo, sendo por muitos anos o mais eficaz meio de comunicação de massa da população portuguesa.” Foi, portanto, para esse leitor exigente e perspicaz que Maria Judite de Carvalho dedicou-se durante os anos de 1968 à 1975 a escrever e publicar periodicamente suas crônicas no *Diário de Lisboa*. Por meio da leitura das crônicas que compõem a coletânea *Este tempo*, é possível observar que Maria Judite buscou deixar registrado em seus textos o constante processo de transformação vivenciado no decorrer do século XX pela sociedade portuguesa após o início da modernidade. De acordo com Freitas,

É no acervo do DL que se encontra a essência da escrita de Maria Judite de Carvalho, nele estão seus contos, novelas e, principalmente, o maior número de crônicas publicadas de sua autoria em um único jornal, por um período de oito anos consecutivos, sem que seus textos fossem repetidos e apresentassem variação em sua qualidade. Todo o tempo em que publicou no periódico, Maria Judite se utilizou de uma sutil ironia para representar os problemas e infortúnios vividos pela



sociedade portuguesa da época (FREITAS, 2011, p. 50).

Durante os oito anos de colaboração de Maria Judite de Carvalho para o *Diário de Lisboa*, a autora comprovou a sua habilidade e criatividade de escrita, mantendo a originalidade e qualidade de seus textos.

Nas crônicas que compõem o livro *Este tempo*, em especial ao texto com nome homônimo ao título da obra, e *O elogio da sedentariedade*, Maria Judite, em poucas linhas, ao tratar de fatos do cotidiano da sociedade portuguesa do século XX traz ao leitor uma reflexão, por meio da narração de fatos do cotidiano, acerca de sentimentos inquietantes, tais como: como a angústia, a solidão e a melancolia, instaurados no interior do homem moderno ocasionados pelas profundas transformações advindas com a modernidade. Importante destacar neste íterim como Manuel Carlos Chaparro define a crônica no Brasil:

A Crônica é, no Brasil, uma espécie que traz para as páginas do jornal o talento literário de observadores atentos e argutos do cotidiano, capazes de descobrir no detalhe de um rosto, de uma lágrima, de um sorriso, de uma esquina vazia, de uma arquibancada cheia de um notívago perdido a representação dos encantos e desencantos da realidade mais complexa (CHAPARRO, 2008, p.131).

Desta maneira, após a releitura das crônicas juditianas de *Este tempo* podemos afirmar que tanto no Brasil como em Portugal, a crônica possui sentidos e finalidades semelhantes, pois Maria Judite de Carvalho conseguiu registrar de modo exemplar em suas produções os “encantos e desencantos” da complexa realidade portuguesa.



Na crônica Este tempo, com nome idêntico ao título do livro e que dá abertura à coletânea de crônicas de Maria Judite, é possível verificar a crítica realizada pela autora à exploração do ser humano, principalmente do cidadão português, pertencente à uma sociedade cada vez mais capitalista. Ao observar as transformações presenciadas por sua geração a narradora recorda-se de um tempo longínquo de “coisas simples, naturais e tranquilas” de que muitos nem chegaram a vivenciar, pois a conhecem apenas “de ouvir contar”.

Por meio das reflexões da narradora, da referida crônica, observa-se uma certa melancolia ao advertir para si e para os leitores a impossibilidade do retorno. E, talvez, esse sentimento de melancolia verificado na narradora possa ser explicado pelo fato do passado representar para ela a única possibilidade de fugir de uma realidade massacrante, em que o consumismo, fruto do sistema capitalista, sujeita as pessoas à incessantes horas de trabalho. E, segundo a narradora, toda a sociedade está presa à engrenagem “para todo o sempre”.

Tinha seus contras, o tempo que passou, mas nele não havia necessidade de se consumir tanto e tão depressa, de trabalhar tantas horas ou tão velozmente. Era um tempo de estrelas à noite (agora fugiram todas para dentro dos telescópios), água fresca (não gelada), nesga de terra que às vezes era nossa. Aqui, agora, não possuímos nada. Tudo é alugado a alguém ou pago a prestações. Quando elas, as prestações, acabam, começam logo outras porque o que compramos está velho e bom para a sucata. É assim este tempo em que vivemos (CARVALHO, 1991, p. 13).

No fragmento acima, podemos observar a representação da substituição dos costumes e as decorrentes mudanças de vida da sociedade portuguesa acarretadas pela chegada da modernidade. Já na crônica *O*



elogio da sedentariedade, a autora retoma a temática do consumismo, porém, de maneira distinta. Além de tratar do incentivo da publicidade para a prática do consumismo e da desigualdade social, a narrativa busca representar o novo comportamento das famílias portuguesas após chegada do aparelho televisor nas casas dos cidadãos de todas as classes sociais.

Entretanto, a televisão vai contendo gregos e troianos, obrigando ricos e pobres, sedentários velozes durante o dia, e sedentários parados ou quase, a confraternizar à noite, diante do pequeno écran. Todos eles atentos, macambúzios, solenes e calados. Senhores telespectadores, silêncio! (CARVALHO, 1991, p. 29).

Com a televisão e o computador ocupando os momentos de ócio das famílias portuguesas as pessoas deixam de se relacionar umas com as outras e o silêncio passa a tomar conta dos ambientes familiares, pois para acompanhar a programação é preciso que todos se calem, é preciso poupar as palavras. Nesta perspectiva, é importante destacar que o distanciamento das questões existenciais faz com que o ser humano se automatiza, sobrepondo a técnica, a objetividade em detrimento da subjetividade, fator que acarreta a desumanização, portanto, como salienta Antonio Candido a literatura pode ser a alma capaz de preencher os espaços vazios, assunto também tratado por Maria Judite de Carvalho.

Considerações Finais

Os estudos sobre a participação de Maria Judite de Carvalho para a imprensa periódica de seu tempo, em especial para o jornal *Diário de Lisboa*, verificou-se que a autora portuguesa possui uma extensa e criativa produção jornalística e literária dedicada a tratar da representação da conflituosa existência do homem moderno, principalmente, no que se refere à mulher do século XX.



Com o capitalismo, os cidadãos passaram a ser incentivados a consumir cada vez mais, os trabalhadores tiveram sua jornada de trabalho aumentada e os produtos tornaram-se mais frágeis. Assim, a vida moderna se resumia em trabalhar e consumir. E tais transformações são representadas nas crônicas de Maria Judite de Carvalho com um certo sentimento de pesar, pois em alguns de seus textos ela registra o desejo de regressar ao passado e viver com a simplicidade de antes.

Conclui-se por ora que, por intermédio das crônicas que constituem a coletânea *Este tempo*, com a chegada da modernidade não foram somente as construções arquitetônicas ou os automóveis que passaram por profundas transformações, ganharam novos modelos e mais velocidade passaram pela transformação que se tornaram mais velozes, portanto, o modo de vida da sociedade portuguesa se transformou. Estas percepções denotam que os conflitos que rondam a produção literária da autora em foco também assola o ser humano na contemporaneidade, mostrando que a produção literária pode aguçar nossos conhecimento na busca pelo devir.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

_____. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 3 ed. rev.ampl. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, A. et alii. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva; 1969.



CARVALHO, Maria Judite de. **Este tempo: crônicas**. Antologia organizada por Ruth Navas e José Manuel Esteves. Lisboa: Caminho, 1991.

_____. **Tanta Gente Mariana**. Portugal, Publicações Europa-América, 1998.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria dos gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

_____. **Escritores portugueses do Século XX**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

FREITAS, Olívia Rocha. A melancolia nas crônicas de Maria Judite de Carvalho. 2011, 223 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

PERRONE, Leylla Perrone. “A Criação do Texto Literário”. **Flores da Escrivantina: Ensaios**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

REIS, Carlos Alves. **O Conhecimento da Literatura. Introdução aos Estudos Literários**. Portugal: Almedina, 2001.

_____. **Teoria da Literatura**. (2000). 8ª Edição. Livraria Almedina. Vol.I. Coimbra;

TODOROV, Tzvezan. **As Estruturas Narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

